ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

FULNI-Ô

Editor: Sebastián Gerlic

Patrocínio

bompreço

FAZCULTURA
PROGRAMA ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA

GOVERNO DA BAHIA
SECRETARIA DA FAZENDA
SECRETARIA DA CULTURA E TURISMO

Apoio

GRÁFICA STA HELENA

Projeto: ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS
Idéia e Direção: Sebastián Gerlic
Coordenação Geral: Águia Dourada - Organização Multicultural Índigena do Nordeste (Wakay,Lymbo,Iraci)
Projeto Gráfico: Luís Henrique
Revisão de Texto e Consultoria: Derval Gramacho
Produção: Marcia Cardim / Eneida Rebouças
Administração Financeira: Prol Projetos

Informações sobre os livros e a ONG Águia Dourada
(71) 378 0412 / 288 0057

www.visaodosindios.hpg.com.br
visaodosindios@ieg.com.br

Trechos desta obra poderão ser citados, desde que me mencionada a fonte.

ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

FULNI-Ô

Este livro é uma realidade daqueles que acreditam em um sonho que nunca vai acabar. Porque o incentivo da vida é saber amar e proteger sua cultura sem ter que ofender outras culturas.

Wakay

Aldeia Indígena Fulni-ô

Águas Belas - Pe

Área: 11.500 hectares

Pop.: 6.000 habitantes

Inspirados pelo coração, os índios Fulni-ô valendo-se de câmeras fotográficas, papel, canetas e um gravador se mostraram para o mundo. Fora de qualquer tutela os mesmos índios se expressam neste livro que também conta com a colabração dos orientadores deste projeto: Wakay, músico, conferencista, teraupeta, índio da tribo Fulni-ô: Lymbo, fotógrafo, índio da tribo Kariri-Xocó: e Sebastián Gelic, fotógrafo e comunicador. Este volume, o terceiro da coleção Índios na Visão dos Índios, é um convite para todos.

A Orígem dos Fulni-ô

A tribo que hoje é Fulni-ô começou com a raça Carnijó, que vivia nômade entre a Bahia e Pernambuco. Com a desmatação o índio foi forçado a subir, procurando um lugar que tivesse alimento e tranquilidade. Saiu da Bahia e veio subindo, fazendo moradias, até aqui, na Mata, no rio Ipanema, defronte daquela serra, a Serra dos Cavalos, onde tinha uma tribo que era os Fouclaça.

Então, aconteceu um encontro, um Toré, com muitas danças e cantos. Uma índia Fouclaça se engraçou de um rapaz Carnijó, daí as famílias não gostaram e começou a briga. Os Fouclaça tinham como arma o arco e flecha e os Carnijó, cacete e pedra. Fizeram um acerto: quem ganhasse ficava com as terras. Mas na hora de brigar, entenderam que era melhor se juntar, nascendo assim atribo Fulni-ô. Somaram-se depois outras comunidades indígenas como os Fôla e os Brogados.

Depois os brancos levaram os índios para a Guerra do Paraguai, muitos morreram e o rei (Imperador D. Pedro II) resolveu recompensá-lo deixando-lhes uma parte das terras que, pertencendo oas próprios índios, estavam em poder do governo, acatando a sugestão da sua filha, a princesa Isabel.

Os brancos queimaram os nossos ranchos, mas ainda temos parentes Carnijó no sertão da Baha, só que ninguém nunca descobriu.

Antes o índios vivia da caça e tinha as ervas para se curar. Os antigos eram mais corajosos, mais fortes, mais guerreiros, hoje somos mais fracos, mais calmos, mais pacientes, por isso sofremos.

A "civilização"continua nos discriminando.

Fulni-ô, significa morador das margens do rio Ipanema.
João Thxyxá e Wakay

A Santa de Madeira

Nós morávamos em Águas Belas. Aqui era tudo mata, o branco veio e achou as terras boas e muitas águas boas também, daí eles tiveram inveja e procuraram nos enganar. Fizeram um povoado e botaram os índios para correr, queimavam as ocas obrigando-nos o nos refugiarmos mais distante, em KamaKamira, Cacimba, Cercada, Bom Conselho, Ipanema.

Mas sempre voltávamos a nos juntar de novo aqui neste lugar. Como botar os índios para correr não era suficiente decidiram fazer uma santa de madeira dizendo ser Nossa Senhora da Conceição, mãe de Jesus Cristo, que vinha nos proteger, mas seria preciso dar terras para construir uma igreja para a *Santa* morar.

Eles botaram a santa em uma lagoaonde os índios gostavam de pescar. Quando a viram pensaram que era uma pessoa, foram até ela, agarraram-na e decidiramleva-lá para a aldeia. À noite, um branco tirou a imagem às escondidas e voltou a coloca-la na lagoa. Depois disso se repetir por vários dias' um índio contou o acontecido para o padre que lhe disse: "Meu filho isto significa que a *Santa* está pedindo terra"

Foi assim que os brancos tomaram nossas terras.

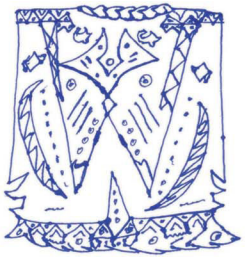
Xixiá

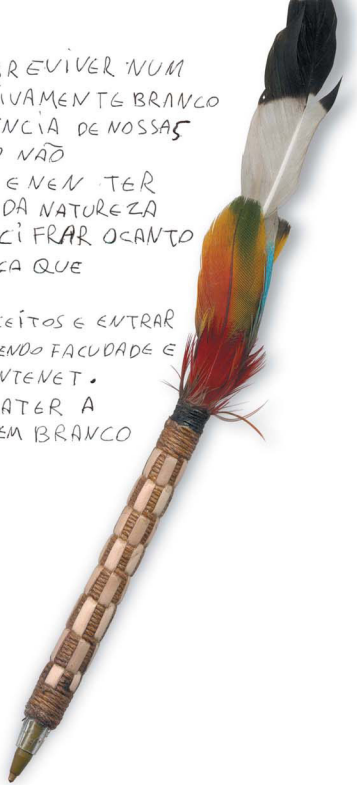
Antes toda esta região era dos índios, hoje é só um pedacinho, e foi preciso muita briga para retomar.

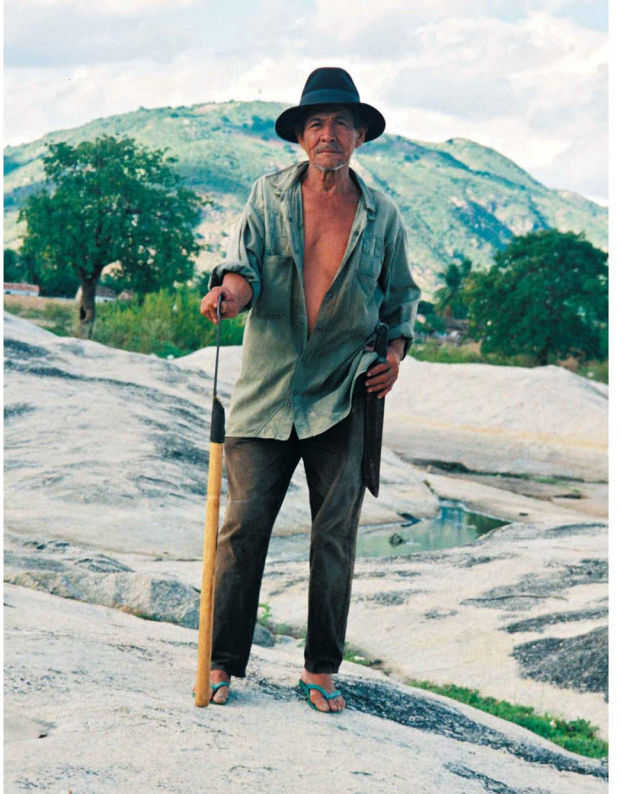
A história da *Santa* foi contada de geração a geração e oas poucos fomos tomando consciência da verdadeira intenção dos religiosos e hoje sabemos que, por mais massacrados que tenhamos sido, ainda somos livres para acreditar naquilo que achamos sagrado, como nos ensinaram nossos ancestrais, a pedra, a água, a mata, o sol, a lua, o céu, as estrelas...

Wakay

SER FULNIÔ É TENTAR SOBREVIVER NUM BRASIL E NUM MUNDO EXCLUSIVAMENTE BRANCO SER FULNIÔ É BUSCA A SOBREVIVÊNCIA DE NOSSAS CULTURAS E RELIGIÃO MESMO NÃO PODENDO VIVER MAIS DA CAÇA E NEM TER A PROTEÇÃO DA FLORESTA OU DA NATUREZA E MESMO ASSIM CONSEGUIR DECIFRAR O CANTO DOS PÁSSAROS E ENTENDER A FORÇA QUE A MÃE TERRA ESBANJA.
SER FULNIÔ É ENFRENTAR PRECONCEITOS E ENTRAR NO MEIO DOS BRANCOS ESTUDANDO FAZENDO FACULDADE E ATÉ FALANDO INGLÊS ATRAVÉS DA INTERNET.
PERDENDO A INOCÊNCIA PARA COMBATER A INTOLERÂNCIA E A GANÂNCIA DO HOMEM BRANCO
ISSO É QUE É SER FULNIÔ







Cacique

foi meu avô, Cacique foi meu tio, mas eu mesmo não queria isso para mim, queria que fosse para um irmão meu, mas o povo me quis e pensando no bem do povo tive que aceitar. Lutar por um povo é uma coisa séria, é uma responsabilidade muito grande. E na época atual em que estamos, onde ninguém quer respeitar mais o seu governo, é mais difícil. Eu assumi porque também é uma espécie de herança. Cacique ninguém tira e ninguém bota, também não se sabe quem vai ser o próximo.

Na nossa tribo, o Pajé é quem trabalha e o Cacique só assiste. Observa, como um supervisor, mas na hora de resolver o problema é em conjunto. O Cacique é quem aprova o ato que o Pajé estiver precisando. Na nossa tribo não existe conselheiro, aqui se conservam só duas autoridades: Cacique e Pajé.

Dificilmente um índio mata outro, porque primeiramente todos pensam no Ouricuri:"Se eu matar não vou mais para minha religião". Então tem temor e não faz. Em geral também não há roubos, mas pode acontecer porque a "civilização já trouxe isso também".

A gente tem que trabalhar todos em conjunto para melhorar a situação da comunidade. Deus para mim e o Diabo para os uotros , não!

Não se pode chegar diante das autoridades para só arranjar para si, o Caique arranja para a comunidade e presta contas à comunidade.

O Ouricuri é uma dádiva de Deus, serve também para nos conservar distantes do ódio, da vingança...

Eu não desejo o mal a ninguém, eu não tenho ódio de meu inimigo e nem penso fazer mal a ele. Antes de o branco vir falar de arquitetura o índio já construía suas moradias. Antes de vir com o desenho o índio já tinha seu desenho.

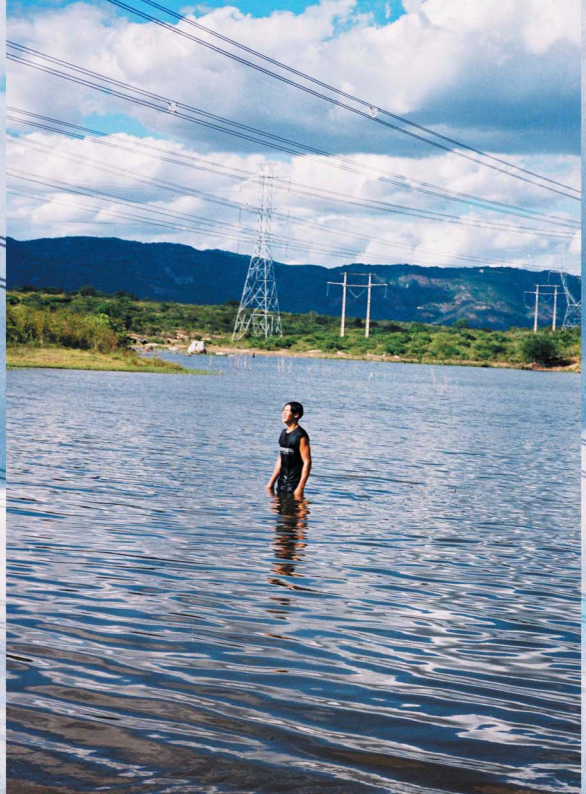
O homem branco quer ver o índio quietinho na tribo, sem saber de nada! Não sabíamos nos defender mas hoje já sabemos.

A evolução vem para a gente saber quem nós somos. Porque se vivêssemos eternamente sem aprender com o branco eles fariam tudo quanto quisessem. Temos que saber aprender as coisas úteis. É bom aprender a conviver nas duas culturas, a saber distinguir o que presta do que não, saber usar.

Lá no Ouricuri nós vivemos como nossos antepassados viviam. Em setembro, nós fechamos esta aldeia e vamos para a outra aldeia, o Oricuri, e, em novembro, quando saímos de lá fica parecendo uma aldeia abandonada, sem habitantes.

Tudo serve, de acordo como é usado. Quando as coisas são para fazer o bem, presta, mas também tem coisas boas que o homem usa mal. A humanidade é um monstro, quer engolir uns aos outros.

Tinha um índio antigamente que ficava sentado na mata, concentrado, assistindo a missa de Roma. Hoje, com a tecnologia, com a televisão, isso se generalizou, mas o problema é saber usar a tecnologia.



Índio reza para todo o mundo

Primeiro de tudo aqui é muito diferente, aqui tem nossos costumes. Aqui só tem um Pajé e um Cacique. Meu avô foi Pajé, herdei dele o dom. Se quando o policial tira a farda deixa de ser polícia, Cacique e Pajé se é sempre, até a morte.

A minha área é a mata, os costumes, mas eu não estudei para isso.

Nosso Ouricuri é também um território de *penitência,* se um índio errar, eu tomo providência, boto ele de castigo.

Quando o índio vai para seus costumes não reza só para o índio, reza para todo o mundo. Brancos, negros, todo mundo.

Por exemplo, quando teve um incêndio na Amazônia todos os Pajés do mundo se concentraram para fazer chover e apagar o fogo.

Hoje o mundo tem dois problemas, a *santa* televisão e o *santo* título de eleitor, se eu pudesse eu queimava os 3.500 títulos de eleitor que existem na minha comunidade. As meninas depois de asstir televisão saem falando palavrões e caçando machos. Os pais e as mães saem para trabalhar ea televisão fica educando os filhos, ou o homem sai para trabalhar e a mulher assiste a novela e vai querer fazer as mesmas besteiras.

Os governantes são uma miséria. Os políticos não ligam que os bandidos têm armas pesadas e os cidadãos de bem não têm nada.

Pajé Cláudio Pereira Júnior

AINDA HOJE NOS INDIOS MESMO PASSANDO POR MUDANÇAS CONVIVENDO COM OS BRANCOS NOS NÃO ESQUEMOS NOSSAS DANÇAS NOSSOS COSTUMES E NOSSOS IDIOMAS QUE É MUITO IMPORTANTE PARA TODOS NOS ÍNDIOS

O PEQUENO INDIO MESMO INOCENTE COM O INCENTIVO DA MÃE E DO PAI PRESERVA SUA CULTURA

NÓS INDIOS TRABALHAMOS COM ARTESANATOS
NÓS VAMOS PARA MATA OU SERRA BUSCAR
PAUS PARA FAZER FLECHAS E A PALHA E
PARA FAZER OUTROS TIPOS DE ARTESANATOS

A INDIA VELHA AINDA HOJE TRABALHAN COM
SEUS ARTESANATOS MESMO COM SUAS
DIFICULDADES POR QUE NÃO DA NEM PARA SI
MANTER

ARTESANATOS
SÃO AS ARTES
QUE OS INDIOS
COSTUMA FAZER
HOJE SAEM PARA VENDER
PARA TER SEU DINHEIRO

A INDIA APANHANDO A PALHA, NÃO QUE NOS VAMOS
PARA MATA OU PARA A SERRA BUSCA QUANDO
AGENTE VEM COLOCA A PALHA NO SOL PARA SECAR
QUANDO A PALHA SECA NOS VAMOS APANHAR
PARA DEPOIS FAZER OS ARTESANATOS COMO
VASSORA ESPANADOR

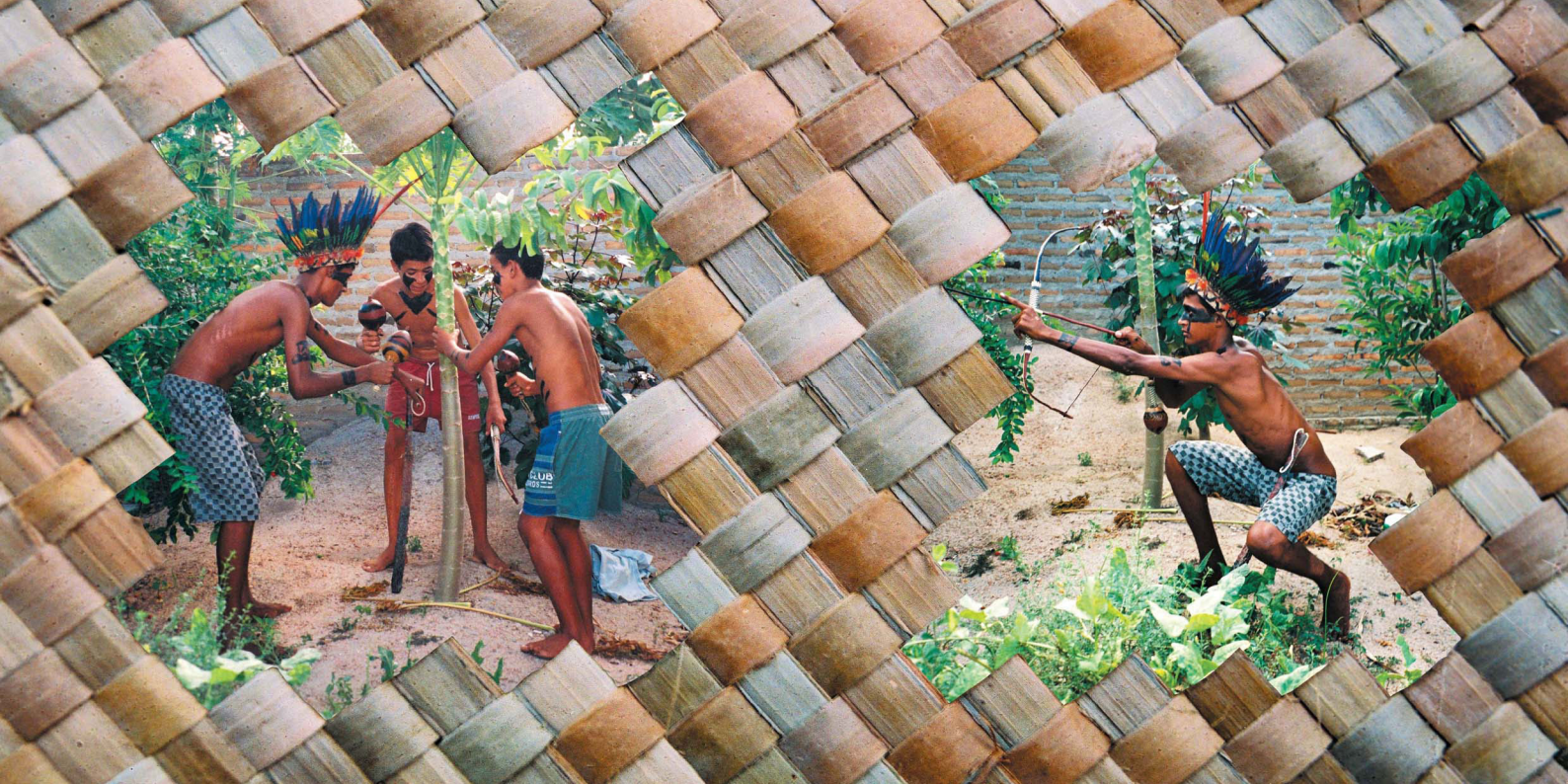
vejo o índio como uma
criação divina de (Ëëdyadwa, Deus)
com forças, culturas e poder
de criar verdadeiras verdade.
O índio é um ser puro
verdadeiro sem maldade
sem ambição sem mentiras.
Temos forças viva que talvez
nos não sabemos a grande
importância.
Temos sabedoria
de viver e de fazer viver
o que (Ëëdyadwa) Deus. nós dar
quando digo que sabemos fazer
viver o que (Ëëdyadwa Deus) nos dar
me refiro na nossa cultura
nossa língua o yaathe e a fé que
vive até hoje, é nosso
poder de viver.
Para ser índio não é preciso
andar pintado ou trajado é
preciso mostrar sua língua Yaathe.

hoje o índio não
mora em ocas de
palha, não anda pintado,
o índio vive na
modernidade mora em
casa de tijolos, estuda,
come o que o branco come,
mas não deixa sua
cultura sua idioma sua
arte. Agradecemos que tudo
vai melhora
meu Deus e o da
natureza que da vida
as plantas, bichos, que fez
o ar, a agua, os ventos
os rios e mares

VIDA DE INDIO ANTEPASSADO
DE PREMEIRO OS INDIOS NAO ERA PANELA DE ALUMINO
ERA CROA DE FRADE COS INDIOS CONSIAVA
E ELES FAZIAM FOGO COM DOIS POU
ESFREGANDO UM AO OUTRO.

SER INDIO FUNI-Ô PODER VIVER TODAS ESTAS EXPERIÊNCIAS
SEM PERDE A ALMA, O ESPIRITO E O
SANGUE FULNI-Ô MESMO VESTIDOS
OU FALANDO COMO OS BRANCOS,
NUNCA SEREMOS IGUAIS, POIS NÃO É
A APARENCIA QUE DIS O QUE SOMOS
E SIM A ALMA E A HONRA DE SER
FULNI-Ô

THIANE



Uma casca de pau pode curar muito!

Eu não fui na escola. Mas eu fui no colégio selvagem. É na mata onde eu estudo, onde descubro muitas plantas e muitas das suas qualidades. Ninguem me ensinou, só Deus.

Sou analfabeto, mas sei de cura, não foi meus pais que me ensinaram, foi meu própio pensamento

Não preciso botar um cocar ou um colar para a pessoa saber que eu sou índio. Eu vivo simplesmente e a natureza descobre que eu sou índio. Eu sempre vivo com a natureza, é muito importante para nós. Eu posso entrar na natureza e ter um contato com um pé de árvore, e falar com ele, ele me ouve, daí que pego todas essas energias de cura. Eu tenho ela dentro de mim, eu estou na mata e estou conversando com aquela árvore e colhendo as coisas no ar.

O remédio, a planta medicinal, eu pego com pensamento e com o faro, pesquisando, procurando... pego a planta, tiro ela, trago e preparo. Depois faço um teste comigo mesmo, tomo um pouquinho e descubo para que tipo de doença é.

Para incômodo de mulheres, mocinhas quando estão com seu carregamento de menstruação, quando está descontrolado eu cuido, eu preparo remédio para controlar... às vezes a pessoa está faltando sangue, ou tem o sangue fraco, aí eu tenho remédio para isso. Para quando o pensamento está fora, aperreado, descontrolado, eu tenho um calmante. Tenho remédio para incômodo de pulmão, para vesícula, hemorragia... Problema de garganta, um engasgo, eu curo.

Estou sempre testando e descobrindo mais plantas, já para meu filho eu quero deixar o conhecimento. Eu conheço muitas plantas... É muito difícil eu tomar uma pílula. Na civilização, a maior parte não conhece as plantas, então deixam para lá, eles não entendem que o material pode ser essa casca de pau, mas eu entendo, eu sei e ela cura muito.

Tinha uma mulher que estava para ganhar neném; mas a criança estava em perigo porque estava atravessada, foi ao médico mas nada, então eu cheguei lá, olhei para ela e vi que estava sofrendo. Peguei uma colherzinha de chá, esquentei um pouquinho d'aqua no fogo, coloquei um pouco de banha de jibóia e dei a ela, depois coloquei as mãos nos dois lados da bariga, toquei um pouco e depois de uma hora a criança nasceu.

Uma criança chorava muito chorou umas 15 noites sem parar, noite e dia chorando. Levaram para o médico, mas a menina ninguém podia comprender. Daí me consultaram, primeiramente pedi forças oa nosso Pai, eu fui para a mata e trouxe o material, e ela chorando... preparei, botei ela nos meus braços e dei uma colherzinha... 15 minutos depois parou e dormiu, a mãe levou para cama e dormiu direto... Hoje essa menino passa correndo aqui pela porta de casa todos os dias.

Eu faço aquilo que eu posso e o que não posso digo logo. Eu gosto de ajudar, nunca cobrei, nunca disse é tanto. Tenho trabalhado muito, sempre ajudando. Se vem uma pessoa eu não posso dizer não, senão eu fico com a consciência pesada, eu tenho que colaborar.

João Thxyxá

Educação Diferenciada

Educação indígena se aprende na comunidade, a escola é também parte disso. Hoje nós obedecemos ao currículo do branco e fazemos uma adaptação. Quando tem que dar um exemplo sobre alguma disciplina básica, nós procuramos um exemplo próprio de nossa realidade, ainda não existe essa apostila, o próprio professor faz essa adaptação. Nosso calendário escolar é diferenciado, começamos em dezembro, assim que retornamos do Ouricuri entramos em sala de aula. A lei de ensino diferenciado já existe, é um direito nosso, mas ainda hoje não acontece como deveria. Nós não reivindicamos ainda o que é nosso, a gente sempre vai pedir, vai se humilhar.

O índio aprendeu do branco a malícia para se defender do próprio branco. Hoje se diz que o índio é muito desconfiado, claro, tem que ser, senão se aproveitam dele.

Existe um preconceito de que aqui os alunos são fracos, mas muitos professores da cidade, onde os Fulni-ô foram continuar seus estudos, disseram para mim que os alunos daqui são muito inteligentes, muito adiantados, que tem poucas dificuldades. Antigamente existiam algumas escolas que não aceitavam nosso alunos, nos informamos e tudo isso mudou.

Os alunos da cidade trazem com eles vários preconceitos, mas hoje eles já explicam aos seus pais que o Brasil não foi descoberto e sim, invadido e que a única coisa que os índios tem a comemorar é sua existência.

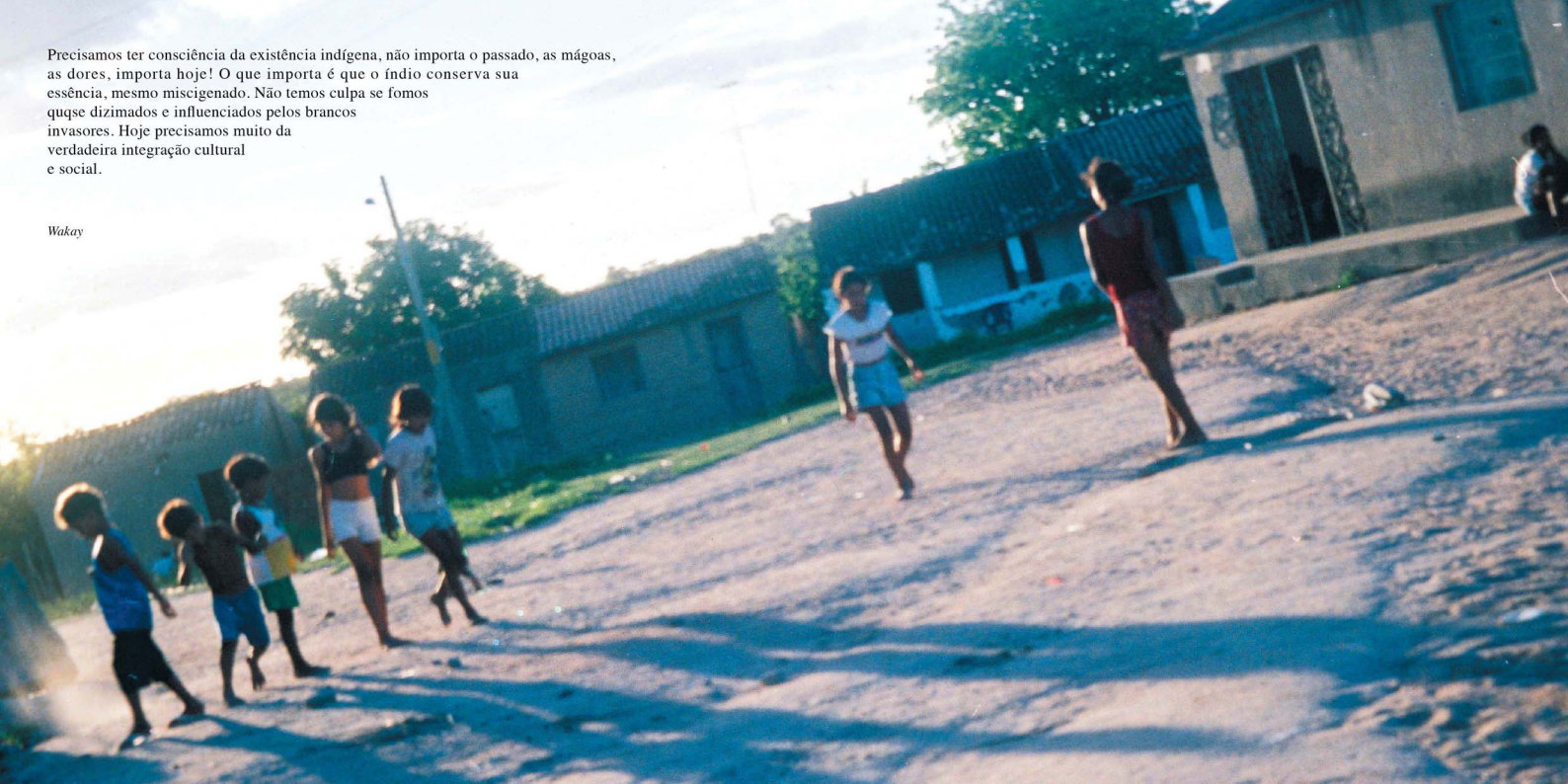
O Fulni-ô, apesar de estar integrado, conserva sua essência, tem consciência de não esquecer seus costumes e seus valores. Por isso hoje temos uma educação diferenciada, de qualidade, onde o aluno nõ vai esquecer seus costumes, seus valores, mas também estará se preparando para enfrentar o mundo lá fora. Não é educação para o índio ficar isolado.

Mariaestela, coordenadora das Escolas Indígenas de Fulni-ô.

Temos 3 escolas, 834 alunos(somente primeiro grau)

Precisamos ter consciência da existência indígena, não importa o passado, as mágoas, as dores, importa hoje! O que importa é que o índio conserva sua essência, mesmo miscigenado. Não temos culpa se fomos quqse dizimados e influenciados pelos brancos invasores. Hoje precisamos muito da verdadeira integração cultural e social.

Wakay



Fulni-ô é lutar

Por liberdade de culturas

Para vencer preconceitos

Mataram
o índio
quando
forçaram
ele
a
vestir
roupas

Mataram-nos
hoje
dizendo que
vestidos não
somos
índios

Kleytxa

Tem uma maioria de jovens que sofre os preconceito, eles não são enxergados. Aqui vizinho, na cidade de Águas Belas, tem bancos, escritórios, prefeitura e lojas, mas eles não dão emprego para índios, eles colocam uma pessoa sem capacidade, embora tenha muito índio formado.

Os governos fazem um jogo bem feito para que o índio nunca descubra a capacidade que ele tem.

João Thxyxá

Depois que chegaram, os europeus modificaram os ameríndios. Sem respeito, querem sempre se impor como melhores, levando sua cruz por cima de quelquer cabeça, tirando sangue de todas as outras ricas crenças.

O Fulni-ô não está amarrado ao passado, mas sim conciente dele na hora de construir seu futuro no presente. Hoje ele decide viver na realidade composta de duas culturas, a ancestral, que cultiva desde sempre, e a moderna, que atualiza a cada dia.

Fulni-ô, à diferença de muitas outras tribos, tem hoje um alto "grau de civilização"que trouxe e traz tanto benefícios como problemas. Há uma consciência sábia que procura um equilíbrio onde os conhecimentos das diferentes culturas se somem na busca de uma realidade mais feliz.

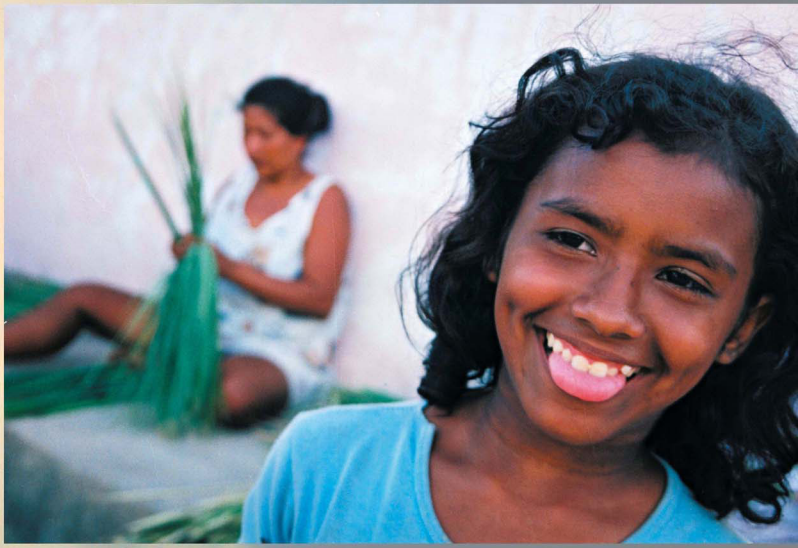
Assim como vejo os Fulni-ô interessados em aprender "coisas do branco", espero também que possam ensinar muito da beleza que vive neles. Assim como abrem suas portas espero que outras portas lhes sejam abertas. Eles estão dispostos, mas para o verdadeiro intercâmbio acontecer precisamos também nos dispor.

Aqui, na tribo, as relações interpessoais estão baseadas no respeito e no amor. É lindo sentir como as pessoas se cuidam mutuamente, se desejam o bem, como os filhos brincam livres pela terra, como os anciões passam suas palavras, as famílias vão se tecendo e a grande família crescendo.

Espero que todos nós, diferentes como os dedos da mão, possamos ser essa mão que trabalha para o bem.

Agradeço aos Fulni-ô pela sua abertura e carinho.

Sebastián Gerlic



A Águia Dourada, Organização Multicultural Indígena do Nordeste, entidade voltada para o resgate das tradições e da cultura dos povos nativos brasileiros, está feliz com o desenvolvimento do projeto Índios na Visão dos Índios. O resultado das primeiras vendas do primeiro livro desta coleção permitiu reunir 30 jovens da tribo Kariri-Xocó e seis novos agentes multiplicadores em uma oficina de uma semana de duração, dentro do Programa de Educação Sócio-Cultural Indígena desenvolvido pelo Águia Dourada. No encontro, adultos com conhecimento da língua materna passaram ensinamentos sobre o seu dialeto e suas tradições usando as canções como meio de transmissão.

Na ocasião do lançamento do primeiro livro desta coleção tivemos a oportunidade de manter contato com milhares de pessoas diferentes, um encontro que consideramos altamente gratificante, pois resultou em uma troca de calor humano, experiências e de idéias...

Com este terceiro livro, que nos revela a vida dos Fulni-ô de Pernambuco continuamos cumprindo a nossa proposta de não somente resgatar a tradição dos povo indígenas da região, mas, sobretudo, preservar estes conhecimentos que temos ido buscar nas tranças antigas das memórias de nossos avós que estão sendo costuradas como uma longa colcha de retalhos que servirá na reconstrução da verdadeira história dessa terra e de nossa cultura.

Sou amante do sol
Sou filho da terra
Sou soberanos dos ares
Brilhante como uma luz

Eu surjo das águas
Eu corro nas matas
Vivo cheio de graça
Meu Deus me conduz

Tenho o instinto da Águia
Vejo além do infinito
Percebo a intenção do inimigo
Antes dele atacar

Represento a força. A luta
E a garra de um povo
Uma tribo que pede socorro
Para não se acabar

Eu sou Guerreiro da Águia
Estou em todo lugar

Letras eMúsica: Wakay Memboré Águia Dourada

Agradecimento à tribo Fulni-ô pela realização deste livro, especialmente a:Thiane, Alaiane, Djyck-Tafhê-á, Khekeynyso, Manuela, Henriue, Daniel, Belo, Xixiá, Nedinha, João Thxyxá, Luzmar, Mariaestela, Kleytxa, o Cacique Francisco dos Santos o Pajé Cláudio PereiraJunior e a todos os índios que colaboraram.

Agradecemos também a Morgana Tosca, Publivendas, Rotary Club Aratu, Ana Paula Lima, Gráfica Santa Helena, Iraci,Beatrz e Eliete.

Digitalização de Imagens
OBJETIVA

Patrocínio do Bompreço, utilizando os benefícios do
Programa Estadual de Incentivo à Cultura - Fazcultura
do Governo do Estado da Bahia.
Lei nº 7015/96 - Salvador - Bahia - 2001

O importante é que o índio conserva sua essência, mesmo miscigenado.
Não temos culpa se fomos quase dizimados e influenciados pelos invasores.
Hoje precisamos muito da verdadeira integração cultural e social.

O resultado obtido com a venda dos livros será revertido em benefício das comunidades indígenas.

Patrocínio:

bompreço

FAZCULTURA
PROGRAMA ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA

GOVERNO DA BAHIA
SECRETARIA DA FAZENDA
SECRETARIA DA CULTURA E TURISMO

Apoio:

GRÁFICA STA HELENA